



**Camadas de ensinamento na poesia didática romana:
“matéria ostensiva” e “tema real” em *Geórgicas* e *Cinegéticos***

***Layers of Lessons in Roman Didactic Poetry: “Obvious Matter”
and “Real Themes” in the Georgics and Cynegetics***

Matheus Trevizam

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
mattrevi2017@gmail.com

Resumo: Neste artigo, desejamos focalizar o modo de dois poemas didáticos da literatura latina, as *Geórgicas* de Virgílio (séc. I a.C.) e os *Cynegetica* de Nemesiano (séc. III d.C.), terem organizado as camadas de ensinamento incorporadas a seus versos. A partir das ideias de Bernd Effe (1977), o qual postulara que poemas didáticos de tipo “transparente” incorporam “matéria ostensiva” e “tema” (não ostensivo) distintamente, intentaremos demonstrar que as respectivas matérias de *Geórgicas* e *Cynegetica* (agronomia e caça) convivem nesses textos com temas diferentes, esses de fato situados mais no centro das preocupações pedagógicas de seus autores.

Palavras-chave: poesia didática; ensinamento; Virgílio; Nemesiano.

Abstract: In this article we intend to focus on the way two didactic poems in Latin literature organized the layers of lessons incorporated into their verses. These poems are Virgil’s *Georgics* (1st century B.C.E.) and Nemesian’s *Cynegetics* (3rd century C.E.). Based on the ideas of Bernd Effe (1977), who postulated that “transparent” didactic poems incorporate their “obvious matter” and “non-obvious themes” keeping them separated, we will try to show that these matters coexist inside both the texts of the *Georgics* and the *Cynegetics* (agronomy and hunting) with different themes, which are, in fact, placed more at the core of their authors’ pedagogical concerns.

Keywords: didactic poetry; teaching; Virgil; Nemesian.

Introdução

O contato do público com os textos técnico-literários compreendidos na categoria, chamada modernamente, de “poesia didática antiga” revela que não estamos diante de um conjunto de todo uniforme em quesitos como os assuntos, os modos construtivos característicos da(s) poética(s) a cada vez em jogo e o próprio engajamento do “eu” textual do *magister* com o objetivo de ensinar, ou não, sobre algum tópico atinente às artes – agricultura, pesca, etc. – ou a saberes humanos mais abstratos – astronomia, filosofia, política etc.

Desse modo, a consciência da heterogeneidade do *corpus* confrontado ao interagirmos como leitores com textos associáveis, já no âmbito da literatura latina, a significativos espécimes didáticos favorece que se busque, em esforço de entendimento, interpretá-los em cotejo. Observando que, em termos de uma tentativa “taxonômica” dos poemas didático, o mero critério dos assuntos seria de reduzida utilidade prática, Alexander Dalzell traz à discussão uma proposta classificatória diferenciada.¹

Não se trata, na verdade, de formulações desenvolvidas por esse estudioso anglófono, mas de ideias que retoma de Bernd Effe.² Ora, segundo o estudioso germânico, conviria a cada vez, diante da indagação “de que trata determinado poema didático?”, distinguir entre sua “matéria ostensiva” (*der Stoff*) e seu “tema real” (*das Thema*). No primeiro caso, explica Dalzell,³ divisamos o conteúdo que o autor indica já na página de título de um poema didático, como, nas *Geórgicas* virgilianas, a agricultura e, nos *Cinegéticos* de Grattius e Nemesiano, a caça;⁴ em contrapartida, quando se fala do “tema real”, trata-se de uma instância significativa que pode, ou não, coincidir com *der Stoff*.

Uma vez estabelecida essa “bifurcação”, Effe definiu três tipologias básicas de poemas didáticos, sendo elas, a saber, a “ideal” – com completa coincidência entre “matéria ostensiva” e “tema real”; a “formal” – de novo, com completa coincidência entre “matéria ostensiva”

¹ DALZELL. *The criticism of didactic poetry*, p. 32.

² EFFE. *Dichtung und Lehre: Untersuchungen zur Typologie des antiken Lehrgedichts*.

³ DALZELL. *The criticism of didactic poetry*, p. 32.

⁴ O título *Georgicon (libri)* remete, evidentemente, ao termo grego *georgia* (“agricultura”); *Cynegeticon/-a*, por sua vez, remete-nos, também pelo viés da língua grega, à prática da caça com auxílio do “cão” (*kýon*).

e “tema real”, mas sem comprometimento instrutivo de fato e com ênfase no exercício literário/estilístico do autor –; por fim, a “transparente”, em que *der Stoff* e *das Thema* formam camadas distintas, não coincidindo. Um exemplo de poema didático “ideal” corresponde, dessa maneira, à obra de Lucrécio, que em seu *De rerum natura* trataria inequivocamente, sempre, do sistema da física epicurista. Por outro lado, em obras como *Therriaca* e *Alexipharmaca* de Nicandro de Cólofon, bem como nas *Geórgicas* virgilianas, teríamos, respectivamente, espécimes didáticos identificáveis com as tipologias “formal”⁵ e “transparente”.

Na sequência desta exposição procuraremos, com independência e eventual distanciamento dos pormenores classificatórios seguidos por Effe,⁶ sobretudo comentar de que maneira as *Geórgicas* e os *Cinegéticos* de Nemesiano nos parecem, até certo ponto, aproximar-se no quesito do tratamento dos assuntos em camadas distintas.

1 As *Geórgicas* como “aparente” ensinamento sobre os trabalhos agrícolas e um olhar para seu(s) tema(s) subjacente(s)

Para um leitor desatento, as *Geórgicas*, segunda obra da tríade compositiva virgiliana, poderiam talvez passar por um texto no qual o poeta tivesse, de fato, realizado a mínima exposição dos tópicos agrônômicos necessários para orientar, sob o ponto de vista prático, um camponês romano de seu tempo. Afinal, a organização geral e o conteúdo dos sucessivos livros – tematizando o livro, I as culturas de cereais; o livro II, a arboricultura, com destaque para as vinhas; o livro III, a pecuária; o livro IV, a criação doméstica de abelhas – parecem não apenas contemplar atividades de real importância para a economia agrária antiga, mas ainda condizer com o mesmo panorama produtivo da Roma coeva ao poeta.⁷

No entanto, como já foi defendido, vários dados das *Geórgicas* parecem apontar para a constituição dos sentidos, na camada dos ensinamentos agrônômicos do texto, antes de mais nada como uma

⁵ TOOHEY. *Epic lessons*, p. 52.

⁶ Esse crítico, na verdade, classificou os *Cynegetica* de Nemesiano na categoria “formal”, não na “transparente”, como nossas próprias análises dão a entender. Cf. EFFE. *Dichtung und Lehre: Untersuchungen zur Typologie des antiken Lehrgedichts*, p. 173.

⁷ ANDREAU. *L'économie du monde romain*, p. 79-80; p. 82; p. 95-97.

espécie de figuração poética.⁸ Ainda, o supracitado Dalzell já observara que a postura do *magister* didático da obra, no contato com certos elementos da lida rústica que descreve, é “consistentemente urbana”.⁹ Com isso, o crítico indica estranhezas vinculadas, por exemplo, ao fato de esse “professor” falar de alguns aspectos do dia a dia dos camponeses – como o cultivo das lentilhas e outros legumes (livro I, 227-230), o gesto de adubar o solo com estrume etc. – como se previsse, no público receptor, reações de “fastio” ou, talvez, “repulsa”.

Dalzell¹⁰ também explicou que Virgílio, seletivamente, parece excluir importantes elementos do panorama agrônômico como o focaliza em *Geórgicas* III e IV. Dessa maneira, burros,¹¹ porcos e, talvez, outras espécies de mais árduo tratamento poético não foram incorporados ao rol zoológico do poeta – que se restringe à abordagem de bovinos, equinos, ovinos e caprinos –, apesar de sua importância prática e inegável presença no cotidiano da Antiguidade. No entanto, os cavalos, nobres, belicosos e, decerto, associáveis a muitas lendas mitológicas, teriam recebido abordagem privilegiada “em demasia”, em *Geórgicas* III.¹²

No livro IV da obra, apenas a apicultura, dentre os tópicos possíveis no quesito da *uillatica pastio*, é tratada pelo poeta ao longo, aproximadamente, da metade dos versos dessa sua parte.¹³ Ademais, isso ocorre de maneira a estabelecer algum elo simbólico entre sua comunidade e a Roma de Virgílio.¹⁴ Ora, aqui devemos lembrar a importância econômica *geral* da *uillatica pastio* nos tempos do poeta, como testemunhado pelo livro III do *De re rustica* de Varrão: esse agrônomo romano, assim, tematizara pelo menos as criações de aves, peixes, abelhas, caracóis e arganazes na mesma parte de sua obra, sem

⁸ TREVIZAM. Figurações poéticas da vida rural nas “Geórgicas”, p. 132 *et seq.*

⁹ DALZELL. *The criticism of didactic poetry*, p. 123.

¹⁰ DALZELL. *The criticism of didactic poetry*, p. 107.

¹¹ TREVIZAM. Figurações poéticas da vida rural nas “Geórgicas”, p. 139: “Para efeitos de transporte ligeiro de cargas, assim, bem como na tração de certas máquinas rústicas, sobretudo as mós [...], os burros eram bestas de uso valiosíssimo na lida agrária romana”.

¹² DALZELL. *The criticism of didactic poetry*, p. 107.

¹³ Em v. 8-314, em *Geórgicas* IV, Virgílio trata da apicultura, mas, em v. 315-566, entretece o refinadíssimo *epýllion* de Orfeu e Aristeu.

¹⁴ WEEDA. *Vergil's political commentary in the “Eclogues”, “Georgics” and “Aeneid”*, p. 98.

receio de fazer-se “molesto” diante de um público interessado em lê-lo para ser instruído tecnicamente.¹⁵

Pelo que temos dito a respeito da constituição dos sentidos na camada agrônômica das *Geórgicas* – vindo ela a corresponder à sua “matéria ostensiva”, nos termos de Effe –,¹⁶ subentende-se que possa haver algum “tema real” por detrás dessas aparências. Na verdade, embora assuntos como a filosofia, a moral, a religião e a política jamais sejam explicitamente apresentados, por Virgílio, como o verdadeiro núcleo temático do poema, os filólogos, desde há muito, têm ressaltado a notória participação de todos esses aspectos nos versos das *Geórgicas*.¹⁷

Essa multiplicidade de ramificações temáticas, imaginamos, justifica a perplexidade de Dalzell, o qual, depois de expor o instrumental analítico desenvolvido por Effe, diz duvidar de consensos sobre o que seria o contraponto “real” da “matéria ostensiva” das *Geórgicas*.¹⁸ Sem nos deixarmos intimidar por essa riqueza constitutiva do “fundo” de significação do poema didático de Virgílio, preferimos entender que a própria variação de pontos de vista, na maioria de seus polos temáticos diferentes da mera agronomia – filosofia, moral, religião, política etc. –, corresponde a um “tema real” possível para o magistério virgiliano. Nesse sentido, tendo-se pronunciado a um público de romanos, na verdade, urbano (e culto), Virgílio mobilizou a figura do *magister* com o provável objetivo de explicitar a polifonia/inexistência de uma única resposta para os questionamentos humanos.¹⁹

Na interface da filosofia com a religião, lembramos o aspecto essencial das multifacetadas reflexões do poeta a respeito da atuação divina no mundo. Como sabemos, os ensinamentos de Epicuro de Samos, com razoável frequência evocados nas *Geórgicas*, sobretudo através dos elos intertextuais a unirem Virgílio e Tito Lucrécio Caro, autor de *De rerum natura*, alijavam os deuses de qualquer interferência em nosso mundo natural. Embora existissem, os deuses, segundo Epicuro,

¹⁵ ANDREAU. *L'économie du monde romain*, p. 95.

¹⁶ DALZELL. *The criticism of didactic poetry*, p. 32.

¹⁷ WILKINSON. *The “Georgics” of Virgil: A Critical Survey*, p. 121-152; p. 153-182.

¹⁸ DALZELL. *The criticism of didactic poetry*, p. 33.

¹⁹ GALE. *Virgil on the nature of things*, p. 11.

viviam apartados do homem e da maquinaria cósmica nos *intermundia*, imutavelmente belos, felizes, serenos e seguros.²⁰

Essa não era, evidentemente, a compreensão da religião tradicional dos gregos e romanos antigos, a qual se regia por um sistema de crenças atribuidor do controle da natureza e da vida humana a deuses que poderiam ser propícios, se corretamente satisfeitos em suas demandas sacrificiais/ritualísticas, ou irados e vingativos, caso ofendidos/negligenciados pelos fiéis. E assim, lemos em *Geórgicas* I, 338-340:

*In primis uenerare deos, atque annua magnae
sacra refer Cereri laetis operatus in herbis,
extremae sub casum hiemis, iam uere sereno.*²¹

No entanto, o mesmo Virgílio chega a colocar em cheque a validade das preces como forma de intervir no mundo quando declara, no livro III das *Geórgicas*, que não basta ao dono de rebanhos suplicar aos deuses pela cura da moléstia cutânea de suas ovelhas, sem agir e tratá-las a ferro.²² Isso também nos permite, na sequência desse livro, questionar se a falha do sacrifício dos nóricos,²³ em seus fins de fazer cessar a Peste, é imputável a alguma má condução do rito ou ao fato, como criam os epicuristas, de que os deuses não ajudam – mas também não atrapalham –, porque doenças, nascimentos, a maior ou menor fertilidade da terra, chuvas e mortes apenas se devem a processos naturais do Cosmos. Esse mesmo Virgílio, enfim, fizera com que o *magister* declarasse, em *Geórgicas* II, 490-494:

²⁰ HADOT. *Qué es la filosofía antigua?* p. 137.

²¹ VIRGILE. *Géorgiques* I, 338-340: “Antes de mais nada, venera os deuses e retribui os ritos anuais/ à grande Ceres, tendo-te ocupado da relva viçosa,/ ao final derradeiro do inverno, já na serena primavera” (tradução minha do latim).

²² VIRGILE. *Géorgiques* III, 452-456: *Non tamen ulla magis praesens fortuna laborum est/ quam si quis ferro potuit rescindere summum/ ulceris os: alitur uitium uiuitque tegendo,/ dum medicas adhibere manus ad uolnera pastor/ abnegat aut meliora deos sedet omnia poscens.* – “Contudo, nenhum êxito dos males é mais salutar/ do que se alguém pôde abrir a ferro a parte/ superior de uma ferida: o mal se alimenta e vive oculto/ enquanto o pastor se recusa a aplicar mãos curativas/ às feridas, ou espera pedindo aos deuses que tudo melhore”.

²³ VIRGILE. *Géorgiques* III, 486-493.

*Felix qui potuit rerum cognoscere causas,
atque metus omnis et inexorabile fatum
subiecit pedibus strepitumque Acheruntis auari!
Fortunatus et ille deos qui nouit agrestis
Panaque Siluanumque senem Nymphasque sorores.*²⁴

No entender de Monica Gale, os três primeiros versos, com sua ênfase em um contato racional diante da vida – e o foco no conhecimento como forma de domar os medos! –, evocam indubitavelmente Lucrécio e o epicurismo.²⁵ No entanto, acrescenta o *magister* didático dessa obra, se “feliz” é o sábio à maneira filosófica, não deixa de ser “afortunado” o rústico que mantém suas crenças em entes espirituais agrestes. Moralmente, por outro lado, hesitações semelhantes perpassam o mesmo poema de Virgílio quanto à figura do *agricola* romano, por vezes representado como contraponto da força destrutiva da guerra (II, 539-540), mas, ao mesmo tempo, como portador de “armas”, não de instrumentos agrícolas,²⁶ capaz de violências contra uma natureza, em geral, tida como sagrada (II, 207-211) e hábil “estrategista bélico” no comando de sua fileira de vinhas.²⁷

Derradeiramente, sequer a figura de Otaviano Augusto, posteriormente o primeiro imperador de Roma, passa pelas *Geórgicas* incólume a transformações: com efeito, como notou Paola Gagliardi,²⁸ sua imagem, em I, 498-501, corresponde à de uma liderança em que se depositam esperanças de socorro, diante das desordens sociais

²⁴ VIRGILE. *Géorgiques* II, 490-494: “*Feliz quem pôde conhecer as causas das coisas/ e todo medo e o fado inexorável/ submeteu a seus pés, com o ruído do Aqueronte avaro:/ afortunado também aquele que conhece os deuses agrestes,/ Pã, o velho Silvano e as ninfas irmãs*” (tradução minha do latim).

²⁵ GALE. *Virgil on the nature of things*, p. 11.

²⁶ VIRGILE. *Géorgiques* I, 160-164.

²⁷ VIRGILE. *Géorgiques* II, 279-283.

²⁸ GAGLIARDI. *Virgil’s ambivalence towards Octavian*, p. 458.

advindas das Guerras Civis romanas.²⁹ Entretanto, na *sphragis*³⁰ do livro IV, essa estabilidade representativa muda porque, apresentado como belicoso (e fulminante!) conquistador do Oriente, em contraste com um “ignóbil” e poético “Virgílio”, Otaviano não deixa também de evocar, autotextualmente, seu papel nos traumáticos confiscos fundiários da Gália Cisalpina, durante a fase do Segundo Triunvirato. Com efeito, como ressaltado por Weeda³¹ e outros autores, esse homem público presidira diretamente os confiscos e redistribuições de terras a seus veteranos de guerra durante o ano de 41 a.C. Tratou-se, na verdade, de iniciativa posterior à batalha de Filipos (44 a.C.), na qual foram derrotados os assassinos de Júlio César, Marco Júnio Bruto e Caio Cássio Longino, pelas forças dos Triúnviros (Otaviano e Marco Antônio): desse modo, diante da necessidade de recompensar os militares em fim de carreira, cidades cisalpinas inteiras, como Mântua e Cremona, tiveram seu território sob a mira de tais confiscos.

Sobre Mântua, que correspondia à terra natal de Virgílio, conservam-se inclusive interpretações que vinculam o destino de Títilo ao do próprio poeta, supostamente desprovido de suas terras familiares na região e, depois, “reabilitado” por um benefício do futuro imperador. Os leitores de Virgílio hão de lembrar-se, nesse sentido, de que a primeira

²⁹ VIRGILE. *Géorgiques* I, 498-501: *Di patrii, Indigetes et Romule Vestaque mater;/ quae Tuscum Tiberim et Romana Palatia seruas,/ hunc saltem euerso iuuenem succurrere saeclo/ ne prohibete!* [...] – “Deuses pátrios, indígetes, Rômulo e mãe Vesta,/ que guardas o Tibre etrusco e o Palatino romano,/ que este jovem salve ao menos nossa geração arruinada/ não impedi!” (tradução minha do latim). [...]

³⁰ VIRGILE. *Géorgiques* IV, 559-566: *Haec super aruorum cultu pecorumque canebam/ et super arboribus, Caesar dum magnus ad altum/ fulminat Euphraten bello uictorque uolentis/ per populos dat iura uiamque adfectat Olympo./ Illo Vergilium me tempore dulcis alebat/ Parthenope studiis florentem ignobilis oti,/ carmina qui lusi pastorum audaxque iuuenta,/ Tityre, te patulae cecini sub tegmine fagi.* – “Isso sobre cuidar dos campos e dos animais eu cantava,/ e sobre as árvores, enquanto o grande César junto ao fundo/ Eufrates *fulmina* com a guerra e, vencedor, a povos/ submissos dita leis, pondo-se a caminho do Olimpo./ Naquele tempo, nutria a mim – Virgílio – a doce/ Partênope, eu que prosperava no amor a ignóbil sossego,/ que brinquei poemas de pastores e, audaz pela juventude,/ a ti, Títilo, cantei sob o dossel de uma vasta faia” (grifo e tradução do latim meus).

³¹ WEEDA. *Vergil's political commentary in the “Eclogues”, “Georgics” and “Aeneid”*, p. 60.

bucólica do poeta contrapunha a sorte de Títiro, dotado da felicidade de permanecer em suas terras, e a de Melibeu, forçado a partir por causa da desapropriação da própria fazenda.³² Assim, como analisado por Gagliardi, ao fazer o *magister* das *Geórgicas* referir a primeira bucólica na *sphragis* mencionada – sendo esse o único poema da obra inicial de Virgílio no qual Otaviano era citado – e delegando a ele citar Melibeu, o poeta deixa aflorar em uma passagem, em princípio, “elogiosa” ao líder ecos de uma voz em dissonância apreciativa sobre sua atuação pública.³³

2 Os *Cinegéticos* de Marco Aurélio Olímpio Nemesiano (séc. III d.C.), as “falhas” em sua postura didática e uma proposta para a reabilitação de seu magistério

Antes de perpassarmos a problemática concernente à configuração do didatismo sobre a caça nos *Cynegetica* de Nemesiano – que nos restam em apenas 325 versos –, convém comentar, em linhas gerais, alguns significados e usos atribuídos, na cultura romana, às caçadas. Sabe-se que, com fins de defesa contra feras que infestavam os campos e bosques da Itália, bem como com fins alimentares, os camponeses romanos se entregaram, desde a fundação da Cidade, inclusive à captura de aves, cervos e lebres selvagens.³⁴ A partir do século III a.C., no entanto, essa prática ganhou novo impulso em Roma porque o período corresponde à época em que os membros das elites sociopolíticas já tinham participado de conquistas no Oriente helenizado ou no Norte africano, onde a caça era um “esporte” bastante praticado pelos monarcas.³⁵

Durante o Império, Plínio, o Jovem (61-113 d.C.), em *Epistolas* II, 8, expôs a Canínio seu anseio por poder desfrutar, na bela região do Lago de Como (*Larius lacus*), dos prazeres da caça e da pesca.³⁶ O gosto

³² VIRGILE. *Bucoliques* I, 16-18: *Saepe malum hoc nobis, si mens non laeua fuisset, / de caelo tactas memini praedicere quercus. / Sed tamen iste deus qui sit da, Tityre, nobis.* – “Muitas vezes este mal [o confisco da fazenda] para nós, não fosse contrário meu espírito, / eu me lembro de que os carvalhos *fulminados* prediziam. / Mas conta-nos quem é esse deus, Títiro” (grifo e tradução do latim meus).

³³ GAGLIARDI. Virgil’s ambivalence towards Octavian, p. 463.

³⁴ JALLET-HUANT. *La chasse dans l’Antiquité romaine*, p. 20.

³⁵ JALLET-HUANT. *La chasse dans l’Antiquité romaine*, p. 23-34.

³⁶ PLINY. *Epistularum Libri duo* II, VIII, 1: *Studes an piscaris an uenaris an simul omnia? Possunt enim omnia simul fieri ad Larium nostrum. Nam lacus piscem, feras*

pelas caçadas “esportivas” também se patenteia em Roma, pela existência de verdadeiras reservas de caça nas fazendas dos ricos proprietários de terras, como se vê no livro III, 13 do *De re rustica* de Varrão.

Enfim, citamos os espetáculos públicos oferecidos em Roma e, mais tarde, nas principais províncias do Império, chamados *uenationes*. Em Roma, sua origem remonta ao longínquo século V a.C., quando caçadas de animais já eram objeto de exibição e divertimento popular nos *ludi* da Cidade, em concomitância com as lutas de gladiadores.³⁷ Foi, porém, a partir da derrota de Cartago (202 a.C.) na Segunda Guerra Púnica que os romanos “descobriram” os animais exóticos do Norte africano (ou da Ásia) – leões, panteras, tigres etc. – e passaram, sistematicamente, a importá-los para matanças por *bestiarii* nas arenas.³⁸

Em *Cinegéticos*, Nemesiano aborda a caça de modalidade “esportiva”, como praticada na Itália e nas províncias pelos membros das camadas mais abastadas da sociedade.³⁹ Os tópicos tratados pelo *magister* didático do poema, como se pode depreender da própria subdivisão das seções de *Cinegéticos*, *grosso modo* correspondem, depois de seu longo proêmio – v. 1-102 –, à criação canina (v. 103-178); em seguida, temos dados como o adestramento dessa espécie (v. 179-194), suas principais doenças – sarna (v. 195-202) e raiva (v. 203-223) – e a porção voltada às raças (v. 224-239).

As seções subsequentes se identificam com a tematização dos cavalos – v. 240-298, podendo ser dividida entre as raças (v. 240-282) e a criação (v. 283-298) – e com o assunto das redes/espantalhos venatórios (v. 299-320). Por fim, 5 versos se ocupam de finalizar, de forma brusca, este pequeno poema, oferecendo dados sobre a época apropriada para caçar.

A primeira impressão de estranheza no contato com essa obra diz respeito – mesmo se entendemos, como parece provável, que ela nos chegou mutilada no final – à extensão desmesurada do proêmio.

silvae quibus lacus cingitur; studia altissimus iste secessus affatim suggerunt. – “Refletes, pescas, caças ou tudo isso? De fato, tudo se pode fazer ao mesmo tempo às margens de nosso Lário: o lago, ao peixe; as matas que cingem o lago, às feras; este teu refúgio profundo, intensamente, leva à reflexão” (tradução minha do latim).

³⁷ JALLET-HUANT. *La chasse dans l'Antiquité romaine*, p. 20.

³⁸ JALLET-HUANT. *La chasse dans l'Antiquité romaine*, p. 57.

³⁹ ANDERSON. *Hunting in the ancient world*, p. 139-141.

Pelo estado atual do texto, seus 102 versos correspondem a mais ou menos 31% da extensão dos *Cinegéticos*, ou pouco menos de um terço da totalidade. Por outro lado, diante de uma obra, supostamente, voltada para “ensinar” a seu público uma técnica tão prática quanto as caçadas, esse mesmo proêmio assume colorações bastante literárias, como se o poeta privilegiasse, nesse caso, não a simples e funcional introdução ao texto, mas antes a exibição de seus dotes de erudito.

Depois de fazer a proposição da “matéria ostensiva” do poema – v. 1-3 –, Nemesiano procede, em v. 3-14, ao mesmo tempo a uma referência indireta às Musas, as quais insuflam em seu peito um “furor aônio”, e a uma menção ao “Castálio”/deus Apolo, que o há de guiar por “lugares não trilhados” (v. 8). Em v. 15 e v. 47, encontramos o efeito mais caracteristicamente associável ao gesto de erudição do autor nesse proêmio, pois ali se encontram elencados, sob forma “preterida”, nada menos que os mitos de Níobe, Sêmele/Baco, Dirce, Enômao, Dânao, BÍblis, Mirra, Cadmo, Io, Hércules (“Os doze trabalhos”), Tereu/Filomela, Faetonte, Cicno, os Tantálidas, Medeia/Glauce, Niso, Circe e Antígona.

Na verdade, esse poeta compôs, no último trecho proemial a que fizemos menção, uma espécie de longa *recusatio*, aparentemente rejeitando deter-se sobre tantos assuntos lendários, ao mesmo tempo desgastados e violentos. Contudo, essa rejeição, como temos dito, não o impede de multiplicar as referências inclusive a histórias menos conhecidas do público e, ainda, de oferecer pequenos resumos de algumas delas:

[...] *sunt ardua mundi*
qui male temptantem curru Phaethonta loquantur
extinctasque canant emisso fulmine flammam
fumantemque Padum, Cycnum plumamque senilem
*et fentes semper germani funere silvas.*⁴⁰

Em v. 86-102, por fim, depois de preterir a celebração completa dos príncipes imperiais, Nemesiano faz uma invocação à deusa Diana,

⁴⁰ NEMESIANUS. *Cynegetica* 34-38: “[...] há os que falem/ de Faetonte a experimentar mal, com o carro, as alturas/ celestes, e cantem as chamas extintas pelo raio atirado/ e o Pó a fumar, Cicno com a plumagem senil/ e os bosques sempre chorando pela morte do irmão” (tradução minha do latim).

pedindo-lhe que o conduza por “ermos frondosos” (*frondosa per auia*), v. 97. Trata-se, evidentemente, de delegar a essa divindade um papel deslocado de protetora de sua função como vate, não exatamente como caçador. Ainda, o endereçamento a divindades quaisquer, com votos e pedidos de proteção, constitui um traço compositivo em típica associação com a estrutura proemial, como vemos também desde a abertura das *Geórgicas* virgilianas, em que ocorre a invocação a 12 deuses rústicos no livro I (v. 5-23), com retomada de um emprego já encontrado nos diálogos agrários de Varrão.⁴¹

Na sequência, a apresentação comparativa, mesmo que sumária, de alguns dados referentes ao modo compositivo do *Cynegeticon*, de Grattius Faliscus (séc. I a.C./I d.C.), pode ajudar a esclarecer por que razões não julgamos a obra sobre a caça de Nemesiano tão desenvolvida, do ponto de vista técnico,⁴² quanto esse poema anterior. De início, o proêmio de *Cynegeticon*, para uma obra que apresenta, no estado atual, a totalidade de 541 versos, desenvolve-se apenas ao longo de 24 versos e contém uma invocação a Diana, um elogio à Razão – que ensinou aos homens acercar-se da técnica da caça sem desnecessária brutalidade etc. –, um pedido de proteção a alguns deuses rústicos (Sátiros, Fauno, Pã...) etc.

A partir de v. 25, Grattius inicia a abordagem técnica do assunto venatório, pois o intervalo de v. 25-60 já contém instruções sumárias para a feitura de uma rede. A continuidade do poema mostra, depois, palavras vinculadas a espantalhos (v. 75-88), laços e armadilhas para os pés (v. 89-94), bem como aquelas sobre venábulo, lanças e a confecção dessas armas (v. 108-126); entre os versos 127 e 149, Grattius comenta a respeito dos tipos de madeira empregados para fabricar as armas anteriormente citadas.

No trecho de v. 150-496, o poeta focaliza a abordagem da espécie canina, com cobertura a vários subtópicos (raças – v. 154-212 –; o elogio dos metagontes – v. 213-252 –; a reprodução dos cachorros – v. 263-306 –; o trato dos filhotes – v. 307-327 – etc.). Também encontramos, nessa longa seção de *Cynegeticon*, uma passagem contendo a descrição de doenças e tratamentos para os animais dessa espécie, em v. 344-496: ela aborda, por exemplo, as feridas dos cachorros (v. 352-365), a sarna (v. 408-426) e outras doenças (v. 477-479). A última parte do poema,

⁴¹ VIRGIL. *Georgics: vol. I – books 1-2*, p. 11.

⁴² TOOHEY. *Epic lessons*, p. 205.

vinculada a explicar a matéria dos equinos, focaliza apenas o tópico das raças de cavalos, em v. 501-541.

Quando comparamos o modo de cada autor tratar do aspecto das armas, ou apetrechos de caça, vê-se que Grattius comentou sobre as redes, os espantalhos, os laços e armadilhas, os venábulo e as lanças. Junto ao subtópico dos venábulo e lanças, encontra-se, como vimos, uma passagem que se vincula a referir os tipos de madeira mais adequados para confeccionar tais armas (v. 127-149). A preocupação com incluir os materiais construtivos em suas reflexões a respeito da equipagem venatória, acrescentamos, também ocorria no subtópico das redes: em v. 34-60, o poeta dissertara sobre os tipos de linho mais adequados para sua feitura.

Nemesiano, comparativamente, apenas se pronunciara, nos *Cynegetica*, das redes (v. 299-302) e dos espantalhos de penas para as feras silvestres (v. 303-320). Depois de escassas informações práticas sobre o subtópico inicial,⁴³ referindo-se unicamente à forma, Nemesiano continua abordando o outro item no aspecto dos equipamentos. Então, discrimina alguns poucos traços dos espantalhos⁴⁴ e varia, como Grattius, o modo de tratar desse subtópico, apresentando os materiais para tais apetrechos através da referência, em v. 312-320, aos pássaros dotados das penas mais adequadas.

Ao voltarmos nosso olhar para a tematização geral dos cães, nas duas obras, notamos que os subtópicos encontráveis em Grattius são mais numerosos: o aporte da raça dos metagontes (v. 213-252) e de uma raça híbrida com os chacais (v. 253-262), a focalização sobre as feridas (v. 352-365) ou os traços do Monteiro que os leva (v. 328-336) inexistem de todo nos *Cynegetica* de Nemesiano. O modo de se abordarem os equinos nos dois autores revela, apesar do inegável prejuízo que afeta o *Cynegeticon* de Grattius nessa parte final do texto como agora disponível

⁴³ NEMESIANUS. *Cynegetica* 301-302: *Addiscant raris semper contexere nodis/ et seruare modum maculis linoque tenaci.* – “Aprendam sempre a tecer com nós espaçados,/ e a manter a medida das malhas e do linho resistente” (tradução minha do latim).

⁴⁴ NEMESIANUS. *Cynegetica* 303-305: *Linea quin etiam, magnos circumdare saltus / quae possit uolucresque metu concludere praedas,/ digerat innexas non una ex alite pinnas.* – “Além disso, uma linha que possa envolver grandes/ clareiras e encerrar as presas rápidas com o terror/ porte aqui e ali penas atadas, não de uma só ave” (tradução minha do latim).

aos leitores (v. 501-541), por se achar ele mutilado,⁴⁵ que o antecessor de Nemesiano foi, comparativamente, menos seletivo ao elencar as raças de cavalos (da Tessália, de Siene do Egito, da Pártia etc.). Dessa forma, em v. 240-282 de *Cynegetica*, Nemesiano refere somente aqueles oriundos da Grécia, da Capadócia,⁴⁶ de Calpe e da Mauritània.

Mas, se o desenvolvimento da “matéria ostensiva” dos *Cynegetica* fica, por vezes, prejudicado⁴⁷ no cotejo com a obra similar de Grattius Faliscus, um curioso efeito de sentido notado por Peter Toohey⁴⁸ favorece-nos compreender que, ao menos, um possível “tema real” da obra corresponderia a tratar, didaticamente, da superioridade do campo – compreendido como espaço das caçadas a que se dedicam os *discipuli* de Nemesiano –, diante do ambiente urbano e de seus problemas:

*Huc igitur mecum, quisquis percussus amore
uenandi damnas lites pauidosque tumultus
ciuilesque fugis strepitus bellique fragores
nec praedas auido sectaris gurgite ponti.*⁴⁹

Nesse sentido, embora Nemesiano seja “elogioso” diante dos feitos de Carino e Numeriano, filhos do imperador reinante quando da escrita de sua obra, o gesto de postergar a plena celebração de seus feitos (v. 63-68) corresponde a uma *recusatio*, como se, no momento, antes lhe importassem outros valores que a guerra, a violência e a eventual “glória” daí advinda. Note-se, ainda, que o rol de mitos (v. 15-47) também rejeitado por Nemesiano amiúde apresenta relações com a imposição

⁴⁵ De outro modo, outros pontos poderiam ter sido cobertos por Grattius na abordagem dos equinos – reprodução, criação, cuidados veterinários... –, assim como os vemos em sua própria focalização didática dos cachorros ou mesmo em Nemesiano, que acaba contemplando nos *Cynegetica* elementos um pouco mais variados a respeito dos cavalos.

⁴⁶ Entretanto, uma cuidada descrição física dos cavalos (provavelmente, dotados de traços dos “capadócius”) é feita por Nemesiano em v. 243-250, encontrando-se ela em relação intertextual com Virgílio (*Geórgicas* III, 79-85).

⁴⁷ EFFE. *Dichtung und Lehre: Untersuchungen zur Typologie des antiken Lehrgedichts*, p. 172.

⁴⁸ TOOHEY. *Epic lessons*, p. 205.

⁴⁹ NEMESIANUS. *Cynegetica* 99-102: “Então, vem aqui comigo quem quer que, tocado pelo amor/ à caça, condene processos e pavorosos tumultos,/ fuja da algazarra dos cidadãos e do estrondo bélico,/ nem persiga butins no ávido abismo do mar” (tradução minha do latim).

bruta da força – como no caso da lenda de Faetonte, fulminado por Júpiter em plena condução do carro do sol – e com gestos da mais espantosa monstruosidade, como se patenteia com a menção a Medeia e Glauce, a rival morta, em meio a suplícios, por seus feitiços.

Em vez desses desvalores, Nemesiano tem a propor como lastro moral de seus ensinamentos a “superioridade” dos gestos daqueles que preferem dedicar-se à poesia ou entregam-se no *otium* a perseguir animais em ambiente agreste.⁵⁰ Ainda, continua o crítico anglófono, a caça e seu ambiente se associam, em sua obra, ao “vigor juvenil” (*uigor iuuenalis*, v. 280), ao alvorecer (v. 324), à saúde, força e obediência (*obsequium*, v. 188 e v. 267), à liberdade (v. 264) e ao amor a um comportamento justo (*amor uirtutis*, v. 150). Em contrapartida, “todas essas características devem ser contrastadas diante daquelas que seriam associáveis com a vida urbana: idade (*senectus*, v. 117), doença (a *rabies* canina e a sarna de v. 117 e 196 *et seq.*), falta de limites (como algo oposto à obediência aprendida através de treino, v. 179 *et seq.*) e falta de civilização em geral (que se mostra, sobretudo, através das presas selvagens)”.⁵¹

Pela compreensão de Toohey,⁵² portanto, como o ambiente associável às caçadas é “seguro” nos *Cynegetica* de Nemesiano – *securum rus*, v. 2 – e, além disso, “margeia o idílico”,⁵³ com seus prados verdejantes, bordas de rios etc., os eventuais traços de negatividade que pudessem adentrar esses campos seriam passíveis, de algum modo, de afastamento, controle ou domínio. As doenças dos cães de caça, por exemplo, podem ser tratadas ou curadas com as terapias prescritas na obra, mas os males da vida urbana e/ou pública, segundo as concepções do *magister* encontrado no poema, não encontram tão fácil resolução.

⁵⁰ TOOHEY. *Epic lessons*, p. 205.

⁵¹ TOOHEY. *Epic lessons*, p. 207: “All of these qualities are to be contrasted with those which one may associate with city life: age (*senectus*, 117), illness (the canine *rabies* and mange of 117 and 196ff.), lack of restraint (as opposed to the obedience learnt through training, 179ff.), and a general lack of civilization (exhibited above all by beasts of prey)”.

⁵² TOOHEY. *Epic lessons*, p. 207.

⁵³ TOOHEY. *Passing Time: Hunting, Poetry and Leisure*, p. 249.

Conclusão

Da exposição feita sobre as obras de Virgílio – *Geórgicas* – e Nemesiano – *Cynegetica* –, depreende-se que, nos dois casos, sempre encontramos textos cujos modos de preceituar pressupõem a “bifurcação” das camadas instrutivas entre “matérias” mais ostensivas (quais sejam, a agropecuária e a caça) e “temas reais” notavelmente distintos do assunto da superfície.

Tal possibilidade de aproximação entre *Geórgicas* e *Cynegetica*, não só pelo fato de corresponderem a poemas didáticos que pessoalmente reputamos afins à tipologia “transparente”, de Bernd Effe,⁵⁴ mas ainda por serem obras em nexos com assuntos do campo e por, nelas, amiúde se escamotear a(s) “matéria(s) ostensiva(s)”, não invalida a existência de diferenças entre as respectivas produções de Virgílio e Nemesiano. Sob o aspecto do efetivo desenvolvimento temático técnico, assim, *Cynegetica*, devido à sua pequeníssima extensão – menor que todos os livros das *Geórgicas*, a saber, os quais nunca contam com menos de 514 versos –, bem como em função do grande espaço ocupado pelo próêmio no interior compositivo em jogo, é uma obra ainda mais modesta que esse poema didático virgiliano, em que os principais âmbitos do saber agrícola (cerealicultura, arboricultura, pecuária e apicultura) no mínimo se ajustam, cada qual, a um livro particular.

Quando, enfim, passamos do exame do modo de abordagem da(s) “matéria(s)” para aquele dos “temas reais” dos mesmos poemas, de início já deparamos complexidades, nas *Geórgicas*, que inexistem em *Cynegetica*. Essas complexidades, na produção virgiliana, vinculam-se a ter o autor, além de multiplicado o teor das questões incorporadas a semelhante camada do texto (com veiculação de muitos aspectos filosóficos, morais, religiosos e políticos), variado “polifonicamente” os pontos de vista atinentes a todos eles, mostrando-nos, por exemplo, Otaviano como esperança de regeneração para a pátria em fins do livro I, mas sob foco algo ambíguo na *sphragis* do livro IV, pois associável a um ímpeto guerreiro em forte contraste com o “pacifismo” do próprio vate. Em *Cynegetica*, porém, a proposição sutil da superioridade dos afazeres campestres – incluindo a caça –, quando contrapostos ao burburinho e ao

⁵⁴ EFFE. *Dichtung und Lehre: Untersuchungen zur Typologie des antiken Lehrgedichts*, p. 40-56.

desassossego urbanos, não se nos apresenta através de descontinuidades ideológicas marcadas.

Assim se nota, segundo dissemos, que o olhar comparativo diante dessas obras pode auxiliar-nos a compreender, com nuances mais finas e sem descartar as parciais afinidades que contêm, produções literárias, de outro modo, grosseiramente associáveis a meros assuntos “práticos” do didatismo (agropecuária e caça).

Referências

ANDERSON, John Kinloch. *Hunting in the ancient world*. Berkeley: University of California Press, 1985.

ANDREAU, Jean. *L'économie du monde romain*. Paris: Ellipses, 2010.

DALZELL, Alexander. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto: The University of Toronto Press, 1996. DOI: <https://doi.org/10.3138/9781442673601>.

EFFE, Bernd. *Dichtung und Lehre: Untersuchungen zur Typologie des antiken Lehrgedichts*. Munchen: C. H. Besck'sche Verlagsbuchhandlung, 1977.

GAGLIARDI, Paola. Virgil's ambivalence towards Octavian. *Acta Antiqua Hungarica*, Budapest, v. 55, p. 457-468, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1556/068.2015.55.1-4.31>.

GALE, Monica. *Virgil on the nature of things: the “Georgics”, Lucretius and the Didactic tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511482182>.

GRATTIUS. *Cynegeticon*. In: PUBLILIUS SYRUS *et alii*. *Minor Latin poets*. Translated by J. W. Duff and A. M. Duff. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 1982, p. 143-208. v. I.

HADOT, Pierre. *Qué es la filosofía antigua?* Tradução de Eliane Cazenave Tapie Isoard. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

JALLET-HUANT, Monique. *La chasse dans l'Antiquité romaine*. Paris: Éditions de Montebel, 2008.

NEMESIANUS. *Cynegetica*. In: FLORUS *et alii*. *Minor Latin poets*. Translated by J. W. Duff and A. M. Duff. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1998, p. 484-512. vol. II

PLINY. *Epistularum Libri duo*. With introduction, notes, and plan, edited by Janes Cowan. London: Macmillan, 1889.

TOOHEY, Peter. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/New York: Routledge, 1996.

TREVIZAM, Matheus. Figurações poéticas da vida rural nas “Geórgicas”. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 125-153, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17851/1983-3636.14.2.125-153>.

VARRÃO. *Das coisas do campo*. Campinas: Unicamp, 2012.

VIRGIL. *Georgics*. Edited with a commentary by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. v. I, books 1-2.

VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par Eugène de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par Eugène de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

WEEDA, Leendert. *Vergil's political commentary in the “Eclogues”, “Georgics” and “Aeneid”*. Berlin/New York: De Gruyter, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110426427>.

WILKINSON, L. P. *The “Georgics” of Virgil: A Critical Survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.

Recebido em: 26 de abril de 2019.

Aprovado em: 1ª de julho de 2019.